

OS ENCANTOS DE PRIMAVERA

Eliana Lopes

*Aluna Finalista da Licenciatura em Tradução
e Escrita Criativa*

I

Ele chegou sem avisar – não que tivesse que o fazer afinal a casa também era sua – Ela fazia croché e continuou depois de ter parado por alguns segundos e levantado levemente os olhos em direção à porta. Ele empurrou o gato que dormia na cadeira, sentou-se e descalçou os sapatos. Ela suspirou profundamente aquele suspiro que ele sabia significar: «Odeio que descalces os sapatos na cozinha»; Ele respondeu da mesma forma, ou quase, com um suspiro ainda mais profundo que ela entendeu como: «Lá tas tu com tuas manias». O gato reivindicava sua cadeira andando de um lado para o outro sem parar de miar enquanto Ela tentava se concentrar nos pontos da toalha que deveria ficar pronta ao fim da primavera que começava, e seria presente de casamento para prima mais nova, Mafalda.

«...Que a Mafalda tenha mais sorte do que eu, oxalá o casamento na primavera lhe faça a vida cheia de cor, de sol, de sons dos pássaros a cantar e do barulho das crianças que aparecem de todos os lados nessa estação; A primavera traz esperança uma vez que as pessoas esperam pelo verão, pelas férias feitas de viagens e outras coisas boas; Eu.... Me casei no outono...

Fui educada para ser uma mulher prendada e cheia de virtudes e confesso ter-me empenhado em aprender a tocar piano, fazer bordados, cozinhar e a estudar anos e anos de filosofia, para quê, se não consigo nem sequer perceber por que razão Ele e o gato andam a disputar, por anos a fio, a mesma cadeira enquanto há outras cinco vazias? Falar línguas? se ao menos eu conseguisse deixar claro em uma delas que me aborrece andar a arrumar os sapatos no armário por vinte e cinco anos, daria por satisfeita».

O miado cada vez mais alto do gato fez com que ela desistisse do croché e dos pensamentos. Levantou para guardar os sapatos no quarto, mas antes pôs água para ferver, Ele havia de querer um café.

«Não quero café» – disse ele. «E vou dizer pela enésima vez que devias comprar uma máquina de café».

«Mais engenhocas? Não, obrigada! Basta o seu computador que já tem-me dado dor de cabeça que chegue, aliás, eu nunca vi alguém tão feliz por tra-ba-lhar até as tantas da noite como tu, que o fazes: às gargalhadas!

Ah, o que estou a fazer não é para ti, e é chá».

Ele ficou desconcertado com a resposta e começou a mexer no telemóvel para disfarçar. Ela sorriu por dentro, uma vez que já quase nem sabia sorrir com os lábios.

Os cabelos sempre presos, e um aspeto sóbrio, simples e desempoeirado, não autorizavam qualquer tipo de observação acerca do caráter físico ou mental daquela mulher que

não passava despercebida mas que impunha um respeito intransponível até mesmo para os que a conheciam bem.

Ele perguntou o que seria para o Jantar.

Ela respondeu: «favas».

«Outra vez?»

«Deito-as fora? Disseste que chegavas de tua viagem ao Norte amanhã. Não sou bruxa».

Ele saiu sem avisar.

Ela foi para janela levando sua xícara de chá e ainda viu o *BMW* preto a afastar-se cruzando aquele vazio para onde olhava. Também vazia estava ela, vazia de sentimentos bons ou maus. Voltou a fazer o croché e o gato foi para a cadeira enquanto o automóvel novo e preto se afastava daquele bairro nobre, arborizado e de ruas largas com pavimentos espaçosos.

II

Já eram quase sete da noite quando Margarida chegava carregada em casa. Depois de ter perdido o autocarro das seis, ainda passou pelo supermercado e agora lá vinha ela cheia de sacos, em baixo de chuva e ainda por cima, morava no quarto andar de um prédio sem elevador. Mas para Margarida nada disso parecia ser problema pois estava sempre a sorrir para o mundo um sorriso descomprometido e livre – mas não se sabe se ela sorria para o mundo ou se ria dele.

Depois de conseguir encontrar as chaves de casa, abriu a porta e entrou deixando os sacos ao chão, eles podiam esperar até que ela ligasse o leitor de cds, afinal só lhe restava mais duas ou três horas para ouvir música naquela altura sem ter nenhum vizinho à porta. Arrumou na dispensa o arroz, o feijão, as batatas e a farinha; pôs as carnes, de porco, frango e vaca no refrigerador, a *Coca-Cola* no frigorífico, os produtos de limpeza em baixo da pia e verificou se havia feijão cozido, «Não!?»

Tinha de cozinhar feijões e carnes, para não ficar anêmica e com cara de doente. Não se importava com suas ancas largas, afinal «alguma gordura é sinal de formosura» e ela precisava manter a forma e as curvas meio arredondadas.

Precisava pôr a roupa lavada na noite anterior, para poupar eletricidade, a secar – não que ela fosse amiga do meio ambiente mas sim do próprio bolso – e foi para a janela a dançar para ver se continuava a chover. Mal começava a compor um alegre estendal de roupas coloridas quando viu um carro preto que estacionava mesmo em baixo de sua janela.

«Seria Ele? Sem avisar?»

Tratou de tomar um duche, vestir umas calças apertadinhas que, segundo ela, valorizava-lhe as curvas, passar um batom novo cor de vinho e calçar uns tamancos, cujos saltos facilitava o rebolado. Mal ela terminava já a campainha tocava e Margarida, mesmo não tendo certeza se aquele carro era mesmo o dele, abriu sem perguntar quem era,

porque ninguém a chamaria a umas horas daquelas e por saber poder contar apenas com seu computador como fiel companheiro para as noites solitárias.

Aquela seria a segunda de muitas vezes que Ele viria visitá-la.

O barulho dos passos subindo as escadas, à medida que se aproximava, ia se misturando com o descompasso dos corações, até Ele aparecer ao cimo, de um jeito desajeitado tentando se desculpar de uma maneira que vinha a ensaiar pelo caminho, mas nem teve hipótese de começar e Margarida já engolia seu discurso da forma mais inocente e peca-dora possível – se isso for possível – entre abraços, beijos e carícias...

Ele entrou, depois da tórrida receção, sentou-se e descalçou os sapatos na cozinha que também era quarto por se tratar de um T0, os sapatos foram rapidamente colocados ao lado de uns chinelos *Havaianas*, em baixo do computador, seu cupido. Enquanto Margarida abria uma Cerveja «estupidamente gelada» Ele se preparava para um banho e perguntou se podia usar seus chinelos ao que ela respondeu «positivo» mostrando o polegar por causa do volume do som que dificultava a comunicação através das palavras.

Já ele saía do banho e Margarida anunciava o jantar em uma mesa posta com o esmero de uma mulher apaixonada mas com os pratos que eram, uns amarelos que tinham sido prenda de uns patrões, outros verdes, de outros; copos azuis comprados por ela e talheres multicores os quais ela já nem lembrava de onde vieram.

Essa tendência decorativa que levava, na melhor das hipóteses, a lugar nenhum estendia-se por toda a casa e fazia com que Ele se sentisse premiado com uma primavera privativa, ou um menino no parque de diversões.

Para Margarida, este era mais um dos seus amores eternos, os quais sempre a abandonavam, mas ela nunca o previa por não trazer marcas do passado. Aquela atitude poupava-lhe algumas rugas mas trazia noites e noites de sofrimentos desnecessários.

Tiveram aquele e muitos jantares saborosos regados a cerveja e seguidos de deliciosas sobremesas ótimas para a obesidade, o mal colesterol, o ácido úrico, mas péssimas, para uma vida regrada e saudável.

Ele sabia, mas bem também lhe sabia a falta de regras e de cobranças daquele mundo para onde não via a hora de voltar depois do trabalho, para ver aquele rosto sorridente a esperar na janela todos os dias. Mas não naquele...

«Estaria atrasada...?».

Tocou a campainha, uma, duas, dez vezes, e como não obteve resposta, resolveu tocar para a porteira e esta lhe perguntou se seria ele o novo inquilino.

«... Margarida partira sem avisar...».

III

Já eram quase oito quando o *BMW*, aproximava-se das ruas, que agora apresentavam-se ainda mais espaçosas, daquele bairro nobre, conduzindo o condutor que era conduzido por alguma força exterior a ele; sentia-se abandonado pela Senhora Razão responsável pela sua posição de empresário de sucesso, sentia-se perdido e desprovido de passado ou futuro: estava no eixo zero; subiu o elevador, depois de cumprimentar o porteiro que o

recebeu na porta com vénias reservadas às realezas, e, sem pensar, introduziu a chave à fechadura e girou-a. «Abriu! Bom ou mau sinal?» Ela não teria trocado a fechadura por não esperar que ele fosse capaz de voltar? Ele voltou sem avisar mesmo sabendo que tinha de o fazer.

Sentia o coração a bater descompassado «mas por entrar em uma casa que já conhecia por vinte e cinco anos?». Agora era um «miúdo» assustado que evitava dirigir o olhar para a velha e aristocrática cadeira, onde Ela costumava sentar-se todas as tardes para fazer croché, olhando para o lado contrário.

Que linda era a decoração sóbria daquela casa onde viviam harmonicamente distribuídos os bordados e pinturas dela com as prendas que eles ganharam ao longo daqueles 25 anos! Mesmo à sua frente, à altura dos olhos – como deve ser – estava pendurado um quadro Dela em seu vestido de noiva; tomou coragem e olhou para Ela: estava de pé a olhar para a toalha que acabara de tecer o último ponto quando ouvira a porta abrir, também sentia o coração a bater acelerado mas não sabia a razão, o importante era aquele músculo involuntário reagir a algum estímulo e bater mais e mais...

Continuou a olhar para a toalha enquanto Ele olhava para a fotografia e para Ela.

«Como pode ser? Como conseguiu manter-se esbelta e elegante durante todos aqueles anos? E os Cabelos? Se alguma vez os vira soltos antes, já não se lembrava. Tinha um perfil suave, imaculado, digno; Sensual»:

Sentou-se na cadeira, ao lado do gato, que dormia e continuou, descalçou os sapatos, arrumou-os no armário e quando voltava tenso para a cozinha ela o encontrou: «Atrasaste-te, o que queres para o jantar?».

«Decidimos a caminho do restaurante?» – disse Ele, sem saber muito bem como fazer o convite àquela mulher encantadora.

Ela disse que ia vestir-se e não se demorava mas Ele deteve-a:

«Não!»

Ela parou sem nada dizer e olhou-o nos olhos «Não...digo... estás perfeita! Não mudes nada...?» disse ele em tom de súplica.

Ela sorriu com os lábios, Ele tomou-a pelo braço e Eles seguiram rumo ao verão e às outras estações daquele e de muitos outros anos que haveriam de vir trazendo os encantos e desencantos próprios de cada estação.